

A UTILIZAÇÃO DA IMAGEM DE SIMÓN BOLÍVAR DURANTE AS COMEMORAÇÕES DO BICENTENÁRIO DE INDEPENDÊNCIA DA VENEZUELA

Tiago Ciro Moral Zancope¹

ticaohe@hotmail.com

Resumo: Neste artigo pretende-se demonstrar como está sendo utilizada a imagem de Simon Bolívar no interior das comemorações do segundo centenário da independência da Venezuela. Para nós, é importante analisar os esforços que Hugo Chávez faz na tentativa de criar uma semelhança entre ele e Simón Bolívar. Sem nenhuma dúvida, Bolívar é o herói principal do Panteão Nacional da Venezuela, e Chávez sabe disso. Paralelamente a esta questão, a utilização do legado de El Libertador, pelo presidente Hugo Chávez lhe garantiu o acesso ao imaginário popular e abriu a possibilidade de renovar parte do discurso de Bolívar, como um instrumento político importante, que marca uma nova era na história da Venezuela.

Palavras-chave: comemoração, memória, identidade.

Abstract: In this article we pretend to demonstrate how is being used the image of Simón Bolívar inside the commemorations of second centennial of independence of Venezuela. For us, it's important to analyze the efforts that Hugo Chávez does in attempt to create a similarity between him and Simón Bolívar. Without no doubt, Bolívar is the main hero in Venezuela's National Pantheon, and Chávez knows that. Parallel to this question, the utilization of the legacy of El Libertador, by the president Hugo Chávez assured him access to popular imaginary and opened the possibility to renew part of Bolívar discourse, as one important political instrument, which marks one new age in Venezuela history.

Keywords: Commemoration, memory, identity

Introdução:

Com o objetivo de refletir sobre as comemorações do segundo centenário de independência da América Hispânica, e de modo particular da Venezuela, optamos por nos

¹ Mestrando (bolsista CNPQ) no curso de História da Universidade Federal de Goiás.

respaldar no discurso do presidente Hugo Chávez sobre a efeméride; o foco é perscrutar a ênfase que o presidente confere aos avanços que o país teria alcançado sob o seu governo, destacando a espontaneidade da participação popular sobre essas comemorações².

De início, é possível ressaltar elementos constitutivos dessas comemorações como: a vinculação existente entre poder e festas oficiais, a relação estabelecida entre comemoração e memória, além de pensarmos no papel desempenhado pelo culto ao herói. A compreensão destes três elementos que formam a espinha dorsal do nosso trabalho ajudar-nos-á a refletir sobre os propósitos do presidente venezuelano Hugo Chávez, ao afirmar ter configurado uma segunda independência do seu país, seguindo o exemplo de seu grande herói Simón Bolívar.

Para os nossos propósitos, é fundamental voltar ao marco inaugural da era Chávez na Venezuela. Sem dúvida, a redação de uma nova constituição, fundando a “Quinta Republica” (RIVADENEYRA, 2002) é o principal símbolo de um país que busca uma nova identidade frente a um modelo desgastado. Ao fazer seu Juramento no parlamento venezuelano, Chávez afirmou que: “sobre esta moribunda Constituição, darei impulso às novas transformações democráticas necessárias para que a nova República tenha uma Carta Magna adequada aos novos tempos” (MARCANO; TYSZKA, 2004, p. 157).

Hugo Chávez foi empossado presidente da Venezuela no dia 2 de fevereiro de 1999³ e seu primeiro ato como governante fundamentou-se em convocar uma nova assembléia nacional constituinte para a redação de uma nova Constituição (BOSOER E CORTÉS, 2001). As principais mudanças do novo texto constitucional foram: a alteração do nome do país para República Bolivariana da Venezuela (AYERBE, 2008); a mudança no número dos poderes públicos: “além dos três poderes clássicos (Executivo, Legislativo e Judiciário), somaram-se o

² Um exemplo de comemoração nos quais nos pautaremos está descrito no livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell. O narrador relata uma comemoração organizada pelos animais conhecida como “Manifestações Espontâneas” que ocorriam pelo menos uma vez por semana e tinham como finalidade rememorar os feitos positivos da Granja dos Bichos. Todos os animais participavam do desfile. Os porcos lideravam a passeata, seguidos pelos cavalos – que carregavam a bandeira com o seguinte lema: “Viva o Camarada Napoleão” – depois as vacas, ovelhas e por último às aves (ORWELL, 1962). Após o desfile, o camarada Napoleão que liderava o processo revolucionário dos bichos recitava alguns de seus poemas, enquanto que o outro porco conhecido como Garganta fazia uma leitura dos números da Granja, ressaltando o aumento na produção de gêneros (ORWELL, 1962). Coincidentemente era nesse exato momento que “a espingarda dava um tiro” (ORWELL, 1962, p. 82). Ainda de acordo com o narrador da obra, de um modo geral os animais da fazenda gostavam dessas festividades, pois “achavam confortador serem lembrados de que, afinal, não tinham patrões e todo o trabalho que enfrentavam era em seu próprio benefício” (ORWELL, 1962, p. 82). Neste clima de festividade, com direito a desfile dos animais, tiros de espingarda, leitura de poemas e dos dados de produção da fazenda os animais “conseguiram esquecer que estavam de barriga vazia, pelo menos a maior parte do tempo” (ORWELL, 1962, p. 82).

³ Segundo Valeria Bosoer e Cecília Cortés (2001), Hugo Chávez teve seu pedido recusado para a transferência da data de posse do dia 2 para o dia 4 de fevereiro. Se o seu pedido tivesse sido aceito, a data de posse coincidiria com a data do levante militar que ele organizou em 1992, ou seja, mais um indício do fascínio que as grandes datas nacionais exercem no interior do pensamento do presidente venezuelano.

Poder Cidadão e o Eleitoral” (VILLA, 2005, p. 7); a “transformação do legislativo de bicameral para unicameral” (VILLA, 2005, p. 7) e a extensão do mandato presidencial para seis anos, com a possibilidade de “reeleição imediata” (AYERBE, 2008, p. 274).

Estas mudanças corroboram a tese de que ao assumir a presidência da Venezuela, Hugo Chávez empenhou-se em construir um novo sistema político. (MARCANO; TYSZKA, 2004). Concomitantemente a este processo, o mandatário venezuelano empenha-se em dismantelar as heranças deixadas pelo “Pacto de *Punto Fijo*”⁴, no sistema político nacional. Para o presidente venezuelano e seus seguidores, a “Quarta Republica” (Rivadeneira), a República “*Punto Fijista*”, foi à expressão máxima da “corruptocracia”⁵ (MARCANO; TYSZKA, 2004, p. 159).

Nessa perspectiva, o mandatário venezuelano passa a travar duas lutas. De um lado, a construção de um novo pacto político-social para a Venezuela e, paralelamente a esse processo, busca desarticular a herança deixada por AD e COPEI no cenário nacional. É neste contexto que se torna fulcral refletir acerca do reforçamento da imagem heróica de Simón Bolívar. Observar de que maneira *El Libertador* é referenciado por Hugo Chávez ajuda-nos a entender a construção que o presidente venezuelano faz de sua própria imagem; pois “toda vez que se organiza uma comemoração do passado, o que está comemorando é uma visão do presente” (OLIVEIRA, 2000, p. 4)⁶. Para os nossos propósitos é importante entender melhor de que maneira Chávez respalda-se em Bolívar, num processo político que promove uma rearticulação da memória coletiva venezuelana, assim como de sua identidade.

A configuração metodológica que dá sustentação ao artigo foi construída a partir de uma problematização das fontes documentais: discursos de Hugo Chávez e reportagens do jornal *El Nacional*⁷. No interior do debate historiográfico procuramos estabelecer um dialogo entre os pesquisadores latinos americanos – no nosso caso acabamos percebendo uma maior incidência de estudos sobre o momento presente na Venezuela, nas obras de pesquisadores argentinos e venezuelanos – com os pesquisadores brasileiros.

⁴ O “Pacto de *Punto Fijo*” foi inaugurado em 1958, com o fim da ditadura de Marcos Peres Jiménez. Sua principal característica foi à alternância no poder entre os partido AD (*Acción Democrática*) e COPEI (*Comité de Organización Política Electoral Independiente*). Economicamente, o Pacto foi beneficiado pela renda petroleira e utilizou a distribuição da mesma para garantir sua sustentação. Contudo, a recessão econômica que marcou toda a década de 80 representou um duro golpe para ambos os partidos, que já não conseguiam mais reproduzir seus discursos. Para maiores informações consultar: Rafael Duarte Villa (2005) e Luis Fernando Ayerbe (2008).

⁵ “Chávez batizou os 40 anos de governos anteriores como corruptocracia, e na verdade não teve de esforçar-se demasiado para que o termo pegasse entre os seus”. (MARCANO E TYSZKA, 2004, p.159).

⁶ Tal opinião foi expressa por Evaldo Cabral de Mello em uma entrevista concedida a Elio Gaspari, publicada em sua coluna no jornal O Globo no dia 16 de abril de 2000. (OLIVIERA, 2000).

⁷ Ambos os conteúdos podem ser acessados via internet.

Após a realização das leituras, buscamos separar as informações obtidas dentro de três grandes áreas: a primeira diz respeito à relação entre “poder” e “comemoração”; dessa forma esperamos compreender como muitas vezes o Estado utiliza-se das grandes datas nacionais para construir um novo pacto social; o segundo campo pauta-se por estabelecer uma discussão entre “comemoração” e “memória”; neste quesito nosso objetivo é compreender os elementos da memória coletiva que são reforçados, em detrimento de outros elementos que permaneceram no campo do esquecimento, ou que sofreram um processo de execração na memória coletiva; finalmente, o último campo de nossa observação consiste em refletirmos como é construído o culto ao herói nesta festa-cívica, evidenciando de que maneira Hugo Chávez apropriou-se do legado deixado por Bolívar, tornando-se o “sumo sacerdote desse culto” (MARCANO; TYSZKA, 2004, p.120).⁸

A relação entre “poder” e “comemoração”:

A atração existente entre “poder” e “comemoração” pode ser explicada pela necessidade na qual o primeiro baseia-se para ritualizar o viver do homem na sociedade. Nesse sentido, diferentes instituições – Igreja⁹ e Estado, ao mesmo tempo em que inventam novas tradições empenham-se em se apropriar daquelas já existentes (ALMEIDA, 2008). Dessa forma, interessa-nos analisar qual a perspectiva existente por trás de um ritual inventando pelo Estado.

Para melhor respondermos esta questão, torna-se necessário refletirmos sobre o fato de que em alguns casos inventam-se tradições, “não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis nem sejam viáveis, mas porque eles deliberadamente não são usados, nem adaptados” (HOBSBAWN, 1997, p. 16). Nesse sentido, as tradições inventadas surgem com a finalidade de preencher um espaço vazio deixado pelas velhas tradições.

Eric Hobsbawn (1997) defende que existem três categorias sobrepostas de tradições inventadas: a) as que simbolizam coesão; b) formalizam instituições, c) incorporam comportamentos, idéias e valores. Se traçarmos um paralelo entre as divisões propostas pelo historiador britânico com o nosso objeto de pesquisa, observaremos que existe – em maior, ou menor grau - a presença dos três elementos. Tal fenômeno pode ser percebido, pois uma

⁸ As três divisões propostas dentro deste artigo não consistem em estruturas fixas, pelo contrario, são campos que se entrecruzam. Ao separarmos as leituras dentro desses três áreas estávamos buscando conferir um grau maior de organização para nosso texto.

⁹ Jaime de Almeida (2008) chama a atenção para a incorporação das festas pagãs realizada pela Igreja na Idade Média.

comemoração cívica busca a “reatualização/atualização do contrato social, que funda e legitima a sociedade” (ALMEIDA, 2008, p. 35) tese compartilhada por Hobsbawm (1997, p. 21): “Isso porque toda tradição é inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal”.

A partir do momento em que traçamos um paralelo entre a reatualização do pacto social e as tradições inventadas, buscando um suporte no passado – com a realidade política atual da Venezuela, é possível concluirmos que o governo de Hugo Chávez vem empenhando-se em refundar a nação. Segundo Pascual Mora García:

A invenção da tradição tem sido uma das estratégias que tem retomado o processo político atual para legitimar sua estrutura de poder, e assim modificar os símbolos da Nação. É uma demonstração fidedigna de que se busca refundar a Nação, e para isso, tem se lançado a mão de uma nova simbologia (MORA-GARCIA, 2006, p. 92-93, *tradução nossa*).

Foi possível observar o funcionamento desta nova simbologia a partir de um dos discursos do presidente venezuelano, quando o mandatário anunciou que a entrada da Venezuela na era bicentenária coincide com aquilo que Pablo Neruda¹⁰ havia anunciado em seu poema “Canto a Bolívar”; o poeta chileno escreveu que Bolívar desperta a cada cem anos quando os povos também se levantam (CHÁVEZ, 2005b). Sobre esta perspectiva, Chávez sustentou que: “Esse é um dos signos da era do bicentenário, é Bolívar que volta feito povo, mais que idéia, feito povo e feito luta concreta” (CHÁVEZ, 2005b, p.393, *tradução nossa*).

Enfatizamos o segundo ponto de nossa análise, que consiste em justamente tentar mapear como os símbolos nacionais, que pertencem ao campo da memória coletiva, serão organizados no interior da festa cívica.

Comemoração e Memória:

Partindo do pressuposto de que se rememora algo com a finalidade de que este não seja esquecido, é possível percebermos que em toda comemoração cívica ocorre o gerenciamento da memória coletiva (MARTINS, 2007). Tal perspectiva é compartilhada por

¹⁰ Um dos elementos recorrentes nos discursos do presidente Hugo Chávez é o poema “Canto a Bolívar” de Pablo Neruda. Destacamos aqui o trecho mais citado pelo mandatário venezuelano em seus discursos: “Yo vi a Bolívar una mañana en Madrid en la boca del V Regimiento, mirando fijo el cuartel de la montaña y le dije eres tu no eres o quién eres y él respondió: soy yo que despierto cada 100 años cuando despiertan los pueblos” (CHÁVEZ, 2005a, p.259). Posteriormente Chávez anunciou que: “Aquí en Venezuela está ocurriendo o se está haciendo realidad la profecía de Pablo Neruda. Bolívar se hizo pueblo y está en la calle combatiendo de nuevo” (CHÁVEZ, 2005b, p.393).

Jaime de Almeida (2006, p. 2). O autor chama a atenção para o fato de que: “A problemática de fundo, num estudo das relações entre festa e memória, é, sem dúvida, a formação da consciência nacional e o papel desempenhado pelo culto aos heróis da pátria”. Podemos afirmar – da mesma forma que Helenice Rodrigues da Silva fez ao reportar-se a Maurice Halbwachs – que “nossas lembranças se fortificam graças às narrativas coletivas que, por sua vez, se reforçam por meio das comemorações públicas de acontecimentos que marcaram a história coletiva” (SILVA, 2002, p. 428).

Ora, é sob esta perspectiva que aconteceram os debates envolvendo os “projetos de memória” e a “historiografia” (BITTENCOURT, 2008). Quando acontece a ingerência de terceiros na memória coletiva, os discursos produzidos acabam por adquirir um conteúdo quando não messiânicos, apocalípticos. “Mais comumente tem-se nesse caso, a lógica da compensação, da correção, da reparação, da punição, quando não da vingança” (MARTINS, 2007, p. 12).

De outro lado, a visão historiográfica pauta-se por um método de análise, pelo qual o historiador – no tempo presente – busca os indícios do passado; após ter coletado as informações que julga necessitar, o mesmo escreve sobre aquele determinado fato do passado, sempre com a preocupação de evitar produzir juízos de valores. Não compete ao historiador julgar o que de fato é “verdadeiro” ou “falso” sobre o passado, pois “esses predicados são atribuíveis exclusivamente ao que *dizemos* sobre ele ou ao que *escrevemos* sobre ele” (MARTINS, 2007, p. 10). De maneira geral, o autor reitera que a rivalidade entre as duas perspectivas pode ser sintetizada com a seguinte reflexão:

Com efeito, a memória pretende ser a depositária (que se pretende fiel) do passado em que o agente esteve envolvido (direta ou supostamente). A historiografia pretende ser a produtora da apropriação correta (adequada) do passado com base nos indícios e dados de que disponha, mediante procedimentos metódicos controláveis intersubjetivamente. Assim, está posta a distinção entre conhecimento do passado e lembrança do passado, de modo simultaneamente complementar e concorrente. (MARTINS, 2007, p. 10)

Indiscutivelmente esta disputa tem deixado marcas profundas na Venezuela, pois Hugo Chávez empenha-se em imprimir seu projeto de “historia nacional” em detrimento da “historia nacional” feita pelos historiadores. Nesse sentido, figuras históricas como o

navegador genovês Cristóvão Colombo¹¹ e o general venezuelano José Antonio Páez¹² tornaram-se vítimas da visão histórica do presidente venezuelano.

Podemos interpretar a mudança no status de personagens históricos tais como Colombo e Páez a partir das reflexões feitas por Paul Ricoeur (2008). Segundo o autor, a ideologização da memória ocorre quando a mesma é incorporada à narrativa. O próprio ato de narrar é seletivo, pois determinados elementos são reforçados enquanto que outros são relegados ao esquecimento. Nesse sentido, a maneira como a ideologia¹³ opera nos fornece os indícios necessários para verificarmos como ocorre à manipulação. Ainda sobre essa mesma perspectiva, não podemos deixar de lado o fato de que uma memória que é exercida pelo Estado também é uma memória ensinada pelo mesmo agente. Segundo Paul Ricoeur: “História ensinada, história aprendida, mas também história celebrada. À memorização forçada somam-se as comemorações convencionadas. Um pacto temível se estabelece assim entre rememoração, memorização e comemoração” (2008, p.98).

No momento em que Chávez rompe com a dinâmica relacional entre passado e presente, em detrimento de uma visão ideológica na hora de ressignificar os acontecimentos do passado (BITTENCOURT, 2008), se iniciou o processo de análise de como o caudilho venezuelano vêm construindo uma nova imagem para Simón Bolívar.

O culto ao herói na festa-cívica:

O primeiro sinal da admiração que Hugo Chávez externou pela imagem de Simón Bolívar ocorreu ainda na infância. Segundo o presidente venezuelano, quando criança, a

11 No dia 27 de março de 2009, o jornal venezuelano El Nacional noticiou que o presidente venezuelano aplaudiu a iniciativa da retirada da estatua de Cristóvão Colombo do parque capitalino de El Calvário. Ainda de acordo com a reportagem, Hugo Chávez fez o seguinte discurso: “Hay que aplaudir el alcalde por esa decisión. ¡Qué va a estar Colón ahí! Cristóbal Colón fue el jefe de la invasión que produjo un genocidio”.

12 Dentre as varias acusações que Chávez faz sobre a figura do General José Antonio Páez, as mais polêmicas consistem na acusação de traição para com o General Simón Bolívar e sobre seu enriquecimento ilícito, o que teria lhe permitido morrer rico na cidade de Nova Iorque. Tais acusações feitas pelo atual presidente da Venezuela são duramente rebatidas por historiadores como: Guillermo Moron, Eduardo Hernández Cartens e Ángel Lombardi.

13 Adotou-se para este trabalho o conceito de ideologia presente em Paul Ricoeur (2008, p.96), o autor sustenta que: “De fato, o que a ideologia busca legitimar é a autoridade da ordem ou do poder – ordem, no sentido de relação orgânica entre todo e parte, poder, no sentido da relação hierárquica entre governantes e governados”. Por mais “raso” que isso possa parecer, o que nos interessou aqui é justamente a consideração feita pelo autor, ou seja, descobrir como a ideologia preenche este vazio no pacto estabelecido entre governante e sociedade. Poderíamos ainda recorrer a outra passagem de Ricoeur (2008, p.96) quando fez o seguinte apontamento: “Pode-se presumir que a ideologia advém precisamente na brecha entre a demanda de legitimidade que emana de um sistema de autoridade e nossa resposta em termos de crença”.

maioria de seus colegas admirava a imagem do Super-Homem, enquanto ele – Chávez – era fascinado por *El Libertador* (MARCANO; TYSZKA; 2004).

Após ingressar nas forças armadas, Chávez passou a ter um contato maior com os ideais bolivarianos, que por sua vez vinham ganhando espaço no interior dos quartéis venezuelanos, desde a década de 70. De acordo com a pesquisadora Margarita López Maya: “Os militares que formaram o núcleo primário do bolivarianismo provem em sua grande maioria dos setores humildes da população, cujas famílias vivem o empobrecimento provocado pela crise” (2008, p. 56).

Estes militares tiveram a oportunidade, mesmo num cenário de crise, aonde o ensino público vinha deteriorando-se, de ter uma formação superior de qualidade. Paralelamente, também passaram a tomar consciência dos gastos suntuosos e a corrupção das elites em decadência do Pacto de *Punto Fijo*, situação que os sensibilizavam (MAYA, 2008).

É neste contexto que Hugo Chávez Frías organiza a formação de um grupo clandestino conhecido por Movimento Bolivariano Revolucionário 200, cujo objetivo manifesto pretendia resgatar os valores pátrios, melhorar as condições da carreira militar e lutar contra a corrupção na esfera política (MAYA, 2008). Simbolicamente, o movimento foi marcado pelo juramento que Hugo Chávez e seus companheiros fizeram sob a árvore *Samán de Güere*. Naquela oportunidade, os integrantes do MBR 200 repetiram – atualizando as três últimas palavras – o juramento de Simón Bolívar aos pés do Monte Aventino em Roma. De acordo com Jaime de Almeida, *El Libertador* teria feito o seguinte juramento:

Juro delante de usted; juro por el Dios de mis padres; juro por ellos; juro por mi honor, y juro por mi Pátria, que no daré descanso a mi brazo, ni reposo a mi alma, hasta que haya roto las cadenas que nos oprimem por voluntad del poder español! (ALMEIDA, 2006, p. 7).

Como ressaltado, Chávez e seus companheiros atualizaram as três últimas palavras, substituindo “*voluntad del poder español*” por “*voluntad de los poderosos*” (ALMEIDA, 2006). Dessa forma, o *Juramento del Samán de Güere* propunha a renovação de um discurso feito por Bolívar em 1805, quando a América Hispânica ainda pertencia ao Império Espanhol; nesse sentido, Chávez se propôs “libertar” a Venezuela de uma outra dominação, que nesse caso são as elites dominantes de seu país, particularmente as que compõem o *puntofijismo*.

A primeira tentativa de “libertar” a Venezuela acontece em 1992, quando Hugo Chávez lidera um grupo de militares que tentam remover da presidência Carlos Andrés Pérez. Entretanto, a insurreição fracassa. Chávez é preso e levado para a prisão do Quartel *San*

Carlos, onde mais uma vez utiliza o legado de Bolívar para justificar seus atos. Numa de suas primeiras declarações, Chávez afirma que: “O verdadeiro autor desta libertação, líder autêntico desta rebelião, é o general Simón Bolívar. Ele, com seu verbo incendiário, nos iluminou o caminho” (MARCANO; TYSZKA, 2004, p. 119). Em outra entrevista concedida, dessa vez ao jornal argentino *La Nación*, Chávez expõe que o objetivo: “é retomar a idéia originária, sob cuja égide nasceu nossa República. A idéia de Simón Bolívar” (MARCANO; TYSZKA, 2004, p. 121).

De maneira geral, podemos assinalar que o golpe fracassado de 1992 e principalmente o período que Hugo Chávez passou no cárcere serviram para consolidar seu movimento político, lançando publicamente sua imagem (MARCANO; TYSZKA, 2004). Paralelamente a esta operação, o então tenente-coronel inicia o processo de monopolização da imagem de Simón Bolívar, que atinge seu ápice em 1999, quando Hugo Chávez resolve acrescentar a expressão “Bolivariana” ao nome da Venezuela.

Nesse cenário, a nova carta magna muda o nome do país para República Bolivariana da Venezuela. Por mais simbólico que isso pareça, o acréscimo da palavra “Bolivariana” outorga “uma eficácia política importante, na medida em que oferece a um discurso abstrato um sentido concreto. Chávez tem feito do discurso bolivariano um instrumento concreto de ação política” (VILLA, 2005, p. 6). Tal perspectiva é compartilhada por Cristina Marcano e Alberto Barrera Tyszka (2004, p. 120) Para os autores: “Chávez dá nova força ao mito, revitaliza a função de juiz e censor que tem o símbolo e apropria-se de sua função esperançosa, de gesta emancipadora”.

Concomitantemente a este processo, Hugo Chávez tem consciência de que o mito de Simón Bolívar pertence à memória coletiva venezuelana. Nesse sentido, a apropriação que o mandatário venezuelano faz da imagem do libertador respalda-se na necessidade de agregar sentimentalmente as massas, utilizando-se para isso recursos provenientes do imaginário popular (MORA-GARCIA, 2002). Sob esta perspectiva, Chávez não é o primeiro presidente a conectar-se com o mito de Simón Bolívar. Juan Morales, citado por Nikita Harwich, argumenta que os diversos usos e abusos da imagem de Simón Bolívar produziram uma confusão em torno do personagem (2003). A título de ilustração, Harwich expõe que os seguintes presidentes venezuelanos se declaram “bolivarianos”: José Antonio Páez, Juan Vicente Gómez e Marcos Pérez Jimenez. Ainda nesta linha de raciocínio, Harwich cita uma passagem do texto de Morales no qual o autor sustenta que: “Bolivarianos se declaram os social-democratas, comunistas, ultra-esquerdistas, sacerdotes, e até os terroristas [...]

Declararam-se bolivarianos desde Fidel até Pinochet” (HARWICH, 2003, p. 20, tradução nossa).

A particularidade desta utilização da imagem de Bolívar por Hugo Chávez está na associação que o mandatário venezuelano faz de *El Libertador*, com a imagem de um “principio fabuloso”. Luis Felipe Miguel explica que a idéia de um princípio fabuloso pode ser facilmente identificada em certos mitos políticos, em destaque naqueles que envolvem “grandes datas”. De acordo com o autor:

Basta citar a mítica dos founding fathers [pais fundadores] nos Estados Unidos ou da Revolução de Outubro na antiga União Soviética. Em ambos os casos, o momento heróico não apenas marca o início de um novo tempo, mas dota a nação de instrumentos que serão capazes de guiá-la com previdência para todo o sempre – sejam eles a intocável Constituição norte-americana ou as tábuas sagradas do leninismo. Ritos políticos reatualizam de tempos em tempos o grande evento, mais uma vez seguindo o esquema mito/rito identificado pelos etnólogos nos povos primitivos (MIGUEL, 2000, p. 27).

Quando associamos a passagem retirada do texto de Luis Felipe Miguel com as pretensões do atual mandatário venezuelano em estabelecer um paralelismo entre o momento atual vivido pelo país com uma conjuntura distinta do passado - que remete diretamente a luta pela independência e o papel desempenhado por Simón Bolívar no interior deste processo – torna-se evidente a intenção do presidente em lançar seu nome no interior do *panteão* dos heróis nacionais venezuelanos, buscando como estratégia promover uma comunhão entre sua imagem e a imagem de Simón Bolívar.

Nesse sentido, a imagem de Simón Bolívar reforça a tese do mandatário venezuelano sobre a predestinação que o mesmo possui em seu país. Se durante o período de cárcere, Hugo Chávez divertiu-se com a brincadeira de incorporar o espírito de *Maisanta*¹⁴, atualmente podemos afirmar que o mandatário tem plena consciência dos benefícios que a correta manipulação do legado de *El Libertador* pode proporcionar a um presidente. O atual presidente venezuelano sabe que seria uma manobra política arriscada auto proclamar-se Simón Bolívar, mas isto não impede o tenente-coronel de configurar no imaginário coletivo indícios que permitam a associação da sua imagem com o legado deixado por *El Libertador*.

¹⁴ De acordo com o relato feito por Francisco Arias, ainda na época em que estavam no cárcere, Hugo Chávez simulou ter recebido o espírito do General *Maisanta*. Para maiores informações ler as páginas 131, 132 e 133 do livro, *Hugo Chávez sem Uniforme: uma história pessoal*, de Cristina Marcano e Alberto Barrera Tyszka.

Para Juan Eduardo Romero a relação que Hugo Chávez estabelece com um passado heróico ou histórico é fundamental para a construção de um discurso de poder, isso porque permite a associação direta entre o emissor e o receptor da mensagem. (2001) Ainda de acordo com o autor: “No caso de sociedades onde as normas de socialização se encontram em recomposição, o empenho desses elementos associativos constitui parte essencial para a manutenção do exercício do poder”. (ROMERO, 2001, p. 238). Opinião compartilhada por Yolanda Salas (2001, p.205, *tradução nossa*) cujo apontamento sobre a vigência de Bolívar na Venezuela é de fundamental importância para este trabalho:

Um Bolívar santo, mitificado, reivindicador das classes que se sentem fora das esferas de poder, emergiu das verbalizações coletivas populares, assim como o espírito messiânico do culto. Bolívar herói cultural, fundador e civilizador de nações, convertido em Pai da Pátria, encarnada nessa tendência o profeta que se retirou do reino deste mundo e deixou para trás de si uma mensagem de que o sentimento popular se transformou em esperança. Assim, Bolívar confirma sua assistência espiritual desde o além e deixa em aberto a possibilidade de um retorno.

De maneira sagaz, Hugo Chávez promove uma fusão entre o culto “popular” de Bolívar com o “oficial”, oriundo do Estado; tal estratégia permite ao presidente venezuelano movimentar-se por dois campos que estavam anteriormente separados. Não obstante, o mandatário venezuelano lança mão de elementos simbólicos e discursos que lhe permite falar de uma revolução centrada no passado, que lhe ajudará na construção de uma nova república, sobre a tutela dos ideais bolivarianos (SALAS, 2001).

De maneira geral, podemos afirmar que a tese desenvolvida por Pierre Nora, referenciada por Jaime de Almeida, provoca frutíferas inquietações na mente do historiador:

Na Era da Comemoração em que estamos mergulhados, os historiadores perderam o monopólio da interpretação do passado, função pouco questionada enquanto existia uma clara distinção entre história coletiva e as memórias grupais ou individuais. (ALMEIDA, 2008, p. 35)

A perda do monopólio do passado fez com que o historiador deparasse com um novo elemento, que são os “projetos de memória”. A intenção destes projetos é de abarcarem um passado que lhe é conveniente considerar como verdadeiro. Nesse sentido, a “festa traz consigo uma memória que é tentadora considerar como tal” (OZOUF, 1974, p. 217).

É no interior desta perspectiva, de produzir uma memória que se transforme em verdade, que atuam tanto o porco Napoleão do livro, A Revolução dos Bichos, quanto o

presidente da Venezuela, Hugo Chávez. Para ambos, interessa o tempo regenerável existente dentro da festa, de sua capacidade em fazer morrer o velho mundo, dando lugar para o surgimento de um novo pacto (OZOUF, 1974). No interior desta perspectiva: “Sente-se que importa menos a essas festas renovar uma emoção do que fixar uma narrativa” (OZOUF, 1974, p. 219).

Os indícios nos levam a acreditar que em 2010, Hugo Chávez reforçará o ideal de que a Venezuela precisa buscar novamente sua independência, da mesma forma que Bolívar e seus companheiros propuseram há duzentos anos. O que distingue um processo do outro é que no tempo presente o mandatário venezuelano buscará reforçar sua imagem, alçando a mesma para o hall do panteão dos heróis nacionais venezuelanos. Se o marco histórico chave para analisarmos 2010 é a formação da junta provisória; o ano de 2021 marca o bicentenário da Batalha de Carabobo, ou seja, “o acontecimento máximo da guerra de independência contra a submissão espanhola” (MARCANO E TYZSKA, 2004, p. 351).

Ainda no interior desta perspectiva, Mona Ozouf (1974, p. 217) alerta que as festas trazem consigo uma “simulação do futuro que o historiador tem a boa fortuna de poder comparar com o futuro real”. Da mesma forma que Reinhart Koseleck chama a atenção para o conceito de “magistra vitae” de Cícero¹⁵ – às “leis sagradas da história, por força das quais os homens conhecem o seu presente e são capazes de iluminar o futuro, e isso não de forma teológica, mas sim de um ponto de vista político prático” (KOSELECK, 2006, p.45); o mandatário venezuelano também joga com elementos históricos e com o grande artífice da história da Venezuela independente, Bolívar, para forjar uma perspectiva particular sobre a história contemporânea daquele país.

Continuar o legado inacabado do Pai da Pátria,¹⁶ criando uma “possibilidade ininterrupta de compreensão prévia das possibilidades humanas em um *continuum* histórico de validade geral” (KOSELECK, 2006, p.43), impulsiona Hugo Chávez em fazer das comemorações do bicentenário de independência da Venezuela o contexto ideal para que seu nome ecoe para sempre, da mesma forma que aconteceu com *El Libertador*.

¹⁵ De acordo com Koseleck (2006, p.43): “A tarefa principal que Cícero atribui aqui à historiografia é especialmente dirigida à prática, sobre a qual o orador exerce sua influência. Ele se serve da história como coleção de exemplos, [...], a fim de que seja possível instruir por meio dela”.

¹⁶ Cristina Marcano e Alberto Barrera Tyszka (2004, p.120) sintetizam a tese de Luis Carlos Leiva, conhecida como “Teologia Bolivariana” da seguinte forma: “Bolívar é o Pai da Pátria, mas também o glorioso filho que os venezuelanos abandonaram, deixaram morrer em terra estrangeira, na Colômbia. Bolívar sempre é um excesso, é tudo: militar, pensador estrategista, escritor, caudilho, gênio, amante, modelo, guia, Deus... A relação com ele faz parte de uma cultura absolutamente religiosa”.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, de Jaime; SOUZA, Rego Guiomar Ana. Qualquer Festa é Festa (?). In: Pesavento, Jatahy Sandra et al. *Sensibilidades e Sociabilidades: perspectivas de pesquisa*. Goiânia, Ed. Ucg, 2008.

ALMEIDA, de Jaime. O segundo centenário da independência na América Latina, um desafio historiográfico. In: VII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2006, Campinas. *Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Disponível em: <http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro7/jaime_de_almeida.pdf>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

AYERBE, Fernando Luis. (Org.). *Novas Lideranças políticas e alternativas de governo na América do Sul*. São Paulo, Ed. Unesp, 2008.

BITTENCOURT, Borges Libertad. Entre as memórias e as identidades: as comemorações do bi-centenário das independências na América Hispânica e os princípios da exclusão. In: Fredrigo, Souza de Fabiana; Bittencourt, Borges Libertad; Silva, Conceição Maria. *História Revista*. Goiânia. v. 13, n. 2, p. 447-459, jul./dez.2008.

_____. Entre as memórias e as identidades – as comemorações do bi-centenário das independências na América Hispânica e a recorrente exclusão de “los de abajo”. In: *Líber Intellectus*. v. 1, n. 3, p. 1-15, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.liberintellectus.org/artigosv3/Libertad.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

BOSOER, Valeira; CORTÉS, Cecilia. *La emergencia de un nuevo liderazgo político: el caso venezolano*, Buenos Aires, 2001. Disponível em: <<http://www.saap.org.ar/esp/docs-congresos/congresos-saap/V/docs/aznar/bosoer-cortes.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

Chávez aplaude remoción de estatua de Colón em El Calvario. In: *El Nacional*. Caracas, 27 Mar. 2009. Disponível em: <http://www.el-nacional.com/www/site/p_contenido.php?q=nodo/74899/Pol%C3%83%C2%ADtica/Ch%C3%83%C2%A1vez-aplaude-remoci%C3%83%C2%B3n-de-estatua-de-Col%C3%83%C2%B3n-en-El-Calvario>. Acesso em: 28 de Jul. 2009. (S/A).

CHÁVEZ, Hugo. 1999: *Año de la refundación de la república*. Caracas: Ediciones de la presidencia de la república. 2005a.

_____. 2000: *Año de la relegitimación de poderes*. Caracas: Ediciones de la presidencia de la república, 2005b.

HARWICH, Nikita. Un héroe para todas las causas: Bolívar em la historiografía. In: *Iberoamericana*, [S.I], v. 3, n. 10, p.7-22, 2003. Disponível em: <<http://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Iberoamericana/10-harwich.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. (Org.). *A Invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1997.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro, Ed. Puc-Rio. 2006.

MARCANO, Cristina; TYSZKA, Barrera Alberto. *Hugo Chávez Sem Uniforme: uma história pessoal*, Rio de Janeiro, Ed. Gryphus, 2004.

MARTINS, Rezende de Estevão. Tempo e memória: a construção social da lembrança e do esquecimento. In: *Líber Intellectus*. v. 1, n. 1, p. 1-15, jun. 2007. Disponível em: <http://www.liberintellectus.org/artigos/artigo_Estevao.pdf>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

MAYA, López Margarita. Venezuela: Hugo Chávez y el bolivarianismo. In: *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*. v. 14, n. 3, p.55-82, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ve/pdf/rvecs/v14n3/art05.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

MELO, de Pinheiro Patrícia. Imagens de Bolívar: das guerras de independência ao *Chavismo*. In: *Líber Intellectus*. v. 1, n. 3, p. 1-27, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.liberintellectus.org/artigosv3/Patricia.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

MIGUEL, Felipe Luis. *Mito e Discurso Político: uma análise a partir da campanha eleitoral de 1994*. Campinas, Ed. Unicamp, 2000.

MORA-GARCIA, Pascual José. Hermenéutica crítica de la historia del tiempo presente: la invención de la tradición em la revolucion bolivariana. In: *Revista Dikaiosyne*, Mérida, n. 17, p. 81-94, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.saber.ula.ve/bitstream/123456789/19104/2/articulo5.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

_____. Bolívar, imaginario social. In: *Revista Cifra Nueva*, Trujillo, n. 15, p. 101-113, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.saber.ula.ve/bitstream/123456789/18775/1/articulo10.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

OLIVEIRA, Lippi Lucia. Imaginário histórico e poder cultural: as comemorações do descobrimento. In: *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p.183-202. 2000. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/17.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos*, São Paulo, Ed. Globo, 1962.

OZOUF, Mona. A festa sob a revolução francesa. In: Le Goff, Jacques; Nora, Piere. *História Novos Objetos*, Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1995.

PIRELA, Gabriela. Chávez pierde la batalla ante el catire Páez. In: *Versión Final: la verdad del panorama regional, nacional y universal*. Maracaibo, 28 Mar. 2008. Disponível em: <<http://www.versionfinal.com.ve/wp/2008/03/28/chvez-pierde-la-batalla-ante-el-catire-pez/>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

RIVADENEYRA, Jorge. ¿Revolución Bolivariana? . In: *Revista Venezolana de Análisis de Coyuntura*, Caracas, v. 8, n. 2, p. 345-351, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/364/36480215.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

ROMERO, Eduardo Juan. El discurso político de Hugo Chávez (1996-1999). In: *Espacio Abierto*, v. 10, n. 2, p. 229-245, abr./jun. 2001. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/122/12210204.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

SALAS, Yolanda. *La dramatización social y política del imaginario popular: el fenómeno del bolivarianismo en Venezuela*. Disponível em: <<http://globalcult.org.ve/pub/Clacso1/salas.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul.2009.

SILVA, da Rodrigues Helenice. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14006.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.

VILLA, Duarte Rafael. Venezuela: mudanças políticas na era Chávez. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 1-13, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/10.pdf>>. Acesso em: 28 de Jul. 2009.